

## **A violência da classe média**

Marco Aurélio Nogueira

Professor da Unesp e pesquisador da Fundap

Dentre as várias conclusões da pesquisa O Adolescente na Criminalidade Urbana de São Paulo, realizada pelo Núcleo de Estudos da Violência da USP, recentemente divulgada, a mais interessante parece ser a que revela o aumento do número de jovens da classe média que praticam infrações. Antes de tudo, porque nos obriga a constatar que a criminalidade juvenil escapou do círculo tradicional em que sempre viveu, predominantemente articulada com a marginalidade social e a pobreza. Tornou-se um fato universal, comum a todas as classes e situações sociais, ainda que de modo estratificado. O jovem que hoje se aproxima da delinqüência não é só o que não tem residência estável e decente, o analfabeto, o desempregado, o miserável. É também, e cada vez mais, o garoto escolarizado, que se veste de modo correto, tem casa fixa, pai e mãe conhecidos, uma vida "normal".

O fato tem muitas fontes geradoras. As drogas, vilão de sempre. O consumismo desenfreado, que impele os jovens à aquisição incessante e os impede de fixar gostos e preferências. O desemprego, que embaralha a inserção das pessoas na vida. A crise da educação, que ofusca a escola e a torna menos interessante do que a rua. A apatia utópica geral, que tolhe sonhos e esperanças. Há também o problema da desestruturação familiar, que passa por uma mescla de coisas positivas - tendência à "democratização" das relações familiares, ascensão categórica da mulher à condição de pessoa autônoma, deslocamento do protagonismo social e econômico do homem, desenvolvimento daquilo que alguns têm chamado de "crise do macho" - mas se afirma em decorrência de uma profunda falta de perspectivas e valores no interior de muitas famílias.

O jovem de classe média aparece hoje nas estatísticas como autor de crimes e agressões, e não mais como um pequeno transgressor, desses que dirigem sem habilitação ou deixam de pagar uma conta de bar, como ocorria nos anos 80. É um flagrante redirecionamento. A contestação, a rebeldia, a disposição para quebrar regras e padrões estabelecidos - atitudes saudáveis, positivas, inerentes à adolescência - parecem ter entrado numa viela escura, na qual já não há juventude ou cultura juvenil. Não se trata mais de posicionamento contra a autoridade, de esforço para proclamar a autonomia e a individualidade, mas de um grito de desinteresse em relação a tudo, incluindo os próprios planos e fantasias. Um movimento brusco de antecipação da maturidade, no qual se perdem eixos, projetos e perspectivas. Uma espécie de cegueira inebriante. É como se estivéssemos diante do pequeno ato de um drama maior: o da corrosão cívica. A vontade de romper limites é levada ao extremo de pôr em risco a própria vida e a vida dos demais. Os "heróis" passam a ser de outra grandeza e qualidade. Não há mais direitos e obrigações, senso de pertencimento e disposição para compartilhar. O envolvimento comunitário cede espaço para o convívio com gangues e bandos marginais, que criam uma idéia de comunidade que, de tão fechada e exclusiva, só pode subsistir em oposição a todas as comunidades. Chegamos a um ponto complicado. Uma sociedade que não consegue proteger e valorizar todos os seus jovens, que não os estimula a crescer como cidadãos conscientes e ativos, que não sabe dar a eles condições de se inserir produtivamente no mundo, que não os auxilia a converter a disposição para a

rebeldia em disposiçao para a critica revolucionaria e uma sociedade bichada, sem futuro. E, como a sociedade nao e um produto do acaso nem um ente magico, mas sim o mundo dos homens, e a eles que temos de responsabilizar quando detectamos problemas sociais. A violencia da classe media nao e um dado novo, nao se esgota no jovem nem ocupa todo o campo da criminalidade, que infelizmente e bem mais vasto. Seu crescimento acelerado, por e m, e um indicio de que estamos caminhando em direcao ao precipicio. Ajuda a cristalizar uma tendencia que so se alterara quando as forcas sociais ativas - da sociedade civil e do governo, da cultura e da politica, da economia e da cidadania - sairem a campo e tomarem as redeas. Dentre outras coisas, inventando um futuro para todos, mas sobretudo para os jovens. Sem isso, os jovens civicamente engajados (que os ha, e evidente) acabaro isolados e os que se entregaram precocemente ao sistema nao terao mais como evoluir.